2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 6. QUINTA FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1849. **9.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A INDUSTRIA NACIONAL E A EXPOSIÇÃO DE 1849.

I

Considerações Geraes. — Productos Chimicos.

86 Existe ao presente no paiz um certo numero de homens, que só acha remedio para a desgraçada situação economica a que chegámos, fóra do circulo em que giram as parcialidades politicas.

Estes homens só respeitam o saber e o estudo devidamente provados — só reconhecem o poder da justiça que proclama a probidade como base indispensavel em todos os actos da vida publica. — Teem esperança no futuro, porque é plena a sua fé nos meios regeneradores que reconhecem na Religião de nossos Paes, adoptada como dogma e como principio pratico da vida social; — na instrucção publica, promulgada como elemento da prosperidade material do reino; — nas communicações internas; — e no incremento da riqueza nacional em virtude do augmento judicioso da producção agricola, e da vasta producção da industria fabril. Estas idéas fazem parte dos unicos e solidos principios que o governo do paiz deve adoptar, seja qual fôr a bandeira politica que lhe tremular nas mãos. — Sem estes póde governar; mas não póde administrar; — póde ordenar e ser obedecido; mas não dirá, com verdade, a popularidade pertence-me, as sympathias da nação abraçam-me por todos os lados.

A REVISTA pertende representar estes principios, e vae para nove annos que os proclama á face do paiz.

Ao presente a sua posição é mais definida do que no principio, porque a doutrina que segue vae ganhando grande importancia perante o desengano, doloroso e fatal, que a opinião publica teve com outros meios de governo. Como jornal votado ao desenvolvimento dos interesses moraes e physicos do reino, não podia nem devia seguir outro rumo.

Logo que tomámos a sua redacção nos pareceu que era chegado o tempo de abraçar como verdadeira missão — o que apenas parecia um desejo vago.

Vimos que uma collaboração respeitavel e numerosa, unica na historia do jornalismo portuguez, honrava continuamente as columnas do nosso jornal.

Não conhecemos sollicitações, nem consideração nenhuma pessoal, que prestem a este facto importante a explicação que se lhe podia procurar: o que essa collaboração nos provou, e que ainda hoje prova é que a intelligencia e o amor da patria regozijaram-se porque se lhes proporcionou um meio de prestarem serviços ao paiz, sem os vestirem com as côres de qualquer parcialidade. Este zelo era e é mais desinteressado de quanto se possa empregar na causa publica, pois que desgraçadamente, por em quanto, nenhum dos meios por nós apontados serve de per si para alcançar o poder — a representação nacional — ou as honras officiaes, e nem mesmo as que não são officiaes. Sem elles o exemplo tem provado que de tudo isso se alcança; mas só com elles, não conhecemos facto para que se possa apontar de que são uma feliz realidade.

No plano que o saber e o estudo vão traçando para a futura regeneração social da nossa terra — a industria fabril é um dos pontos capitaes, e portanto um dos dogmas da crença economica da REVISTA. Quando confessamos estes principios, prestamos á agricultura do paiz o maior e o mais importante dos serviços, que ella deve reclamar.

Peza-nos que a agricultura, porque lhe falta o illustrado principio da associação, se appresente quasi sempre em campo seduzida pela idéa do privilegio, e pela sonhada esperança de augmentar o consumo externo de um genero unico, sem attender a que, ao presente, não é possivel abrir mercados forçados, nem sustental-os ficticiamente.

Ha uma grande differença entre ser nação agricola e ser nação vinicola; não existem circumstancias nenhumas especiaes que sustentem a producção de um genero á custa da producção de todos os outros valores, pois que em tal caso a producção augmentaria em quantidade, mas desceria de valor, e até desproporcionalmente.

Desenganemo-nos; a verdade não constitue o exclusivo de um povo, pertence ao mundo. — Quando um dos maiores economistas resolveu a questão do avul-

tado empate da industria fabril ingleza, dizendo ao mostrar-lhe a agricultura da Irlanda escrava dos feudos e da incuria dos nobres — «augmentae a vossa producção», resolveu tambem a questão da ruina que ameaça a nossa agricultura.

Só a producção fabril a póde salvar, e é do consorcio destes dois ramos de prosperidade, que deve datar uma nova era na historia economica do paiz.

A industria fabril augmentará a povoação dotando-a ao mesmo tempo com valores que possa permutar pelos producos agricolas, que terão prompta saída, não só por este meio, mas como materias primeiras, provenientes em muitos casos da variedade das culturas.

Em taes circumstancias, quando estas considerações são adoptadas por muitas capacidades, uma exposição da industria nacional é o maior facto economico, que a imprensa tem que julgar.

¿Será competente um só jornal para o avaliar?

¿Bastará um só homem para o descrever?

Não. A imprensa deve representar-se perante esse facto como um jury, e não como uma opinião individual.

A Sociedade Promotora da Industria Nacional, a quem se deve a exposição, não se julgou habilitada por meio do seu conselho, para a nomeação do jury, que deve fazer a distribuição dos premios, e delegou este encargo em uma commissão especial.

O jornalista, membro forçado do grande jury da opinião publica, ha de satisfazer ao que delle exigem, sem attenção á impossibilidade moral e physica de abranger tantos e tão variados ramos dos conhecimentos humanos: e até se lhe prohibe o declinar de si a responsabilidade do julgamento.

Resignar-nos-hemos com a posição difficil em que nos achâmos, e na qual nos tem valido o grande numero de esclarecimentos, e de opiniões, que pessoas mui competentes nos teem ministrado com zelo exemplar, e maxima sollicitude. Neste ponto devemos favores, que nos premeiam de sobra do trabalho, a que nos dedicamos, e os quaes não agradecemos nomeando nomes, porque a amizade dessas pessoas até esta mesquinha retribuição nos prohibe. Appresentando muitas das suas indicações não engeitamos a responsabilidade moral que nos pertence, porque todas essas indicações adoptadas concordam com o que pensavamos, e harmonisam-se com muitas outras que lhes hemos de juntar.

Não sacrificaremos a materia á extensão do trabalho: havemos de escrever o que nos parecer possivel e o que for exigido pelos elementos que possuimos ou que ainda nos venham a ser ministrados.

Antes de finalisar estas considerações geraes, daremos á industria uma declaração explicita: não tomamos da penna para tecer panegyricos vagos, nem para exagerarmos a verdade. As phrases banaes do diccionario portatil do louvor sem criterio são banidas destas linhas. Devemos proceder assim para que nos seja possivel defender a protecção como um principio, sem o qual o paiz não póde dar um passo, e para com imparcialidade nos declararmos defensores perpetuos dos interesses industriaes. Não são os fabricantes nem os amigos que estão ante nós, é a industria — são a parte das fabricas do paiz representada na exposição de que vamos tractar.

O maior feito dos tempos modernos é a applicação da chimica ás artes: a industria fabril deve á chimica a maioria de seus novos processos, e o melhoramento dos antigos.

Os productos chimicos são o thermometro da industria: — a perfeição do fabrico — o seu baixo preço, e o seu judicioso emprego são factos que se não pódem deixar de analysar quando se falla em uma exposição.

Se considerarmos que a chimica applicada ás artes se não ensina em Portugal — se pensarmos em que esta falta existe em uma nação da qual muito mais de metade não sabe lêr, e sustenta *instrucção superior* que chegava para quatro vezes mais população do que a sua, deveremos admirar-nos dos milagres que a salla do Risco apresenta quanto ao emprego de alguns dos productos chimicos; por isto tudo, não se conhece a infancia da industria, e é mister descer ao exame do fabrico dos productos e dos seus preços, para conhecer que não vem de longe o começo da nossa vida industrial, porque a devemos á mão que edificou Lisboa, que imprimiu na legislação patria o cunho de novos principios governativos, e que apontou ha noventa annos para o remedio que devia curar as feridas abertas pela guerra no coração da patria. O desastroso tractado de 1810 paralisou, mas não acabou com o vôo do genio fecundo do grande Pombal. O talento deste homem celebre é tão grande nas suas acertadas providencias como nos seus erros: a Companhia dos Vinhos do Alto Douro prova o que é um erro de Pombal. A industria que elle largou infante dos braços quando lhe tiraram o poder, porque o não comprehendiam, podia ter deixado adulta se não estivesse alimentada com resoluções que lhe não podiam robustecer as forças e ampliar a vida. Nem só de pão vive o homem; e nem só do capital vive a industria. Pombal punha o Erario á disposição das fabricas mas não curava de outros importantes elementos que os podiam fazer existir. Nós que não temos Erario nem se quer para alguns palmos de estrada, ou para pagarmos a mestres que ensinem a infancia, devemos forçosamente recorrer a todas os outros meios para assentar a industria em base segura.

Os productos chimicos são incontestavelmente um destes meios. Concorreram poucos á exposição, e ainda contando com os que faltaram, estamos longe de satisfazer pela quantidade os de que a nossa industria já carece.

Tres fabricas concorreram.

Eis aqui as relações dos seus productos:

Os Srs. Serzedello & Comp. com Laboratorio Chimico na Margueira, e armazem no Largo do Corpo Santo n.º 6. — Expoz —

Acido phosphorico	1	frasco.
» vitreo	1	»
» borico fuso	1	»
» tartarico	1	»
Algodão polvora	1	»
Agua forte de 40º branca	1	»
» » de 43º córada	1	»
Ammonia de 24º	1	»
Bicarbonato de soda	1	»

Chloroformio	1	frasco.
Collodion	1	»
Chlorureto de cal	1	»
Cremor de tartaro branco	1	»
» pardo	1	»
Cobre ammoniacal	1	»
Nitrato de prata branca	1	»
» cristalizada	1	»
Turbith mineral	1	»
Acetato de potassa inteira	1	»
» em pó	1	»
Nitrato de barita	1	»
» de cobre	1	»
» de chumbo	1	»
» de cobre cristalizado	1	»
» de ferrico	1	»
» de zinco	1	»
Oleo de sabina	1	»
» de arruda	1	»
Sal de La Rochelle	1	»
Salitre refinado	1	»
Sulphato de chumbo	1	»
» de zinco	1	»
» de soda	1	»
Sulimão	1	»
Tartaro emetico	1	»
Vermelhão	1	»
Carbonato de soda cristalisado	1	»
Nitrato de Stronciana	1	»
Sal de tartaro	1	»

O Sr. Conde do Farrobo:

Productos chimicos da Fabrica da Verdelha.

Barrilha	1	frasco.
Acido oxalico	1	»
Sulphato de cobre	1	»
Acido sulphurico	1	»
Sulphato de potassa	1	»
Soda	1	»
Acido muriatico	1	»
Agua forte	1	»
Sulphato de ferro	1	»
» de soda	1	»
Chlorureto de cal	1	»
	11	»

O Sr. Antonio Fonseca:

Laboratorio chimico, á Ponte Nova em Alcantara.

Pós de Joannes	1	frasco.
Mercurio	1	»

Além destas 3 fabricas, o Sr. Antonio Filippe de Barros expoz oleo de amendoas purificado, oleo de recino e oleo de nozés purificado.

Passaremos agora a examinar os principaes productos destas fabricas, para depois podermos comparar a parte que os productos chimicos tiveram na presente exposição, com a que tomaram nas tres exposições anteriores.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.
(*Continúa*).

COLLECÇÃO DE AMOSTRAS DE M. FAURE.

87 Somos partidarios da nossa industria — mais de uma vez o temos dito e provado — advogamos os seus interesses com zelo — defendemol-a com fé, porque para nós é um dos elementos da nossa regeneração economica. Mais de um fabricante e de um operario sabem, que lhes não podemos ser suspeitos. Invocamos estes precedentes, porque vamos hoje arredar da nossa industria fabril uma suspeita que a podia deshonrar: não partem della esses brados de infundadissima indignação, que se tem levantado contra uma *collecção*, que em nada a prejudica.

A nossa industria é nova, mas já tem força e dignidade bastante para não especular na credulidade publica, esposando preconceitos e alterando a verdade dos factos. Não nos agrada escrever sobre o assumpto, porque já foi explorado pelos jornaes politicos, e para que se tracte imparcialmente — é já isto um máo precedente: mas a imprensa deve ao publico a verdade, e nós queremos acabar com o erro que se tem espalhado pelo povo.

A exposição dos productos da industria estrangeira ao lado da nacional é coisa que não existe — esta supposição provém de se haver exagerado o facto que vamos narrar.

Chegou a esta cidade M. Faure, com uma copiosa collecção de amostras de fazendas proprias para os estofadores, e sendo parte só em desenhos: — trouxe tambem algumas amostras e mui poucas de porcelana e de talheres de oiro; — foi isto o que vimos quando examinámos a referida collecção, que, pelo que se vê, é limitadissima e pode-se dizer, que é só relativa a sedas proprias para forrar cazas e moveis — vindo a constituir verdadeiramente uma reunião de modelos, dos quaes alguns pela sua maxima riquesa não poderiam convir nunca á nossa industria, porque os productos a que se referem não teriam extracção no paiz

M. Faure não vende nenhum objecto; recebe encommendas á vista das amostras e tem com este fim percorrido muitas nações.

Quando chegou a esta cidade expoz a sua collecção no Paço: parece que por esta occasião alguns ministros mostraram dezejos de que os nossos industriaes podessem vêr aquelles modelos. — Nesta exposição M. Faure não podia lucrar, porque não conhecemos em Portugal uma duzia de pessoas, que possa forrar as cazas com sedas que em Paris custam, desde 12 até 180 francos o metro, e que se podem ainda assim fabricar em França, porque se fabricam para o grande mercado do commercio geral.

Foi-lhe concedida uma sala no Carmo, onde as riquissimas sedas de Lião estão pregadas ás macas que levam os pobres para o hospital! Já se vê que não é o luxo da caza que alli póde chamar gente.

Não achamos inconveniente nenhum em tal exposição.

A protecção á industria consiste na instrucção publica, nos meios de communicação e, mais do que tudo, nas pautas: prival-a de modelos é um patriotismo acanhado e prejudicial, que póde conduzir ao absurdo inaudito de que é mister mandar fechar todas as lojas, que expoem á venda productos estrangeiros.

Em nenhuma nação do mundo se poderiam hoje proclamar taes idéas diametralmente oppostas á civilisação dos povos.

As amostras de seda, que possue M. Faure para forrar cazas, pertencem ás fabricas de Lião — são admiraveis, tanto pelo tecido como pelo vivo das cores e pureza e elegancia dos dezenhos: em algumas o oiro tecido juntamente, lhes dá relevo e formosura, em outras, as chapas de aço, com que foram estampadas, levam o colorido e as linhas de desenho a um ponto de perfeição que espanta.

Tambem é mui digno de vêr-se uma pequena collecção de amostras de velludo de algodão ornadas com pinturas a oleo, e tanto o processo como a execução perfeitamente artistica, devem ser examinados. Ha na collecção amostras tão sumptuosas que foram escolhidas em Constantinopla.

Alguns tecidos de lãa, que ahi vimos, podem sem perigo comparar-se com os bellos productos do Sr. Daupias, porque estes lhes levam vantagem.

Não vemos nesta collecção concorrencia: o que alli encontrámos são modelos, que os nossos fabricantes devem vêr e dos quaes será possivel aproveitar alguns.

Por tanto, em logar de indispormos o animo do publico contra uma coisa de que não provém nenhum prejuiso, e que nos lembrou admirando mais de tresentas amostras de seda de peregrinos lavores, foi o quanto convinha que empregassemos o tempo perdido nas desavenças politicas, em imitar a Lombardia, creando em grande a industria da seda como materia primeira, pois que tão aprimorada e vasta a industria a viria, a pezo de oiro, buscar aos nossos portos, e os campos, que a rotineira cultura do vinho empobrece, rivalisariam com essas aldeas da Italia que a amoreira e o bicho da seda transformam em ricas povoações.

Talvez que estes pontos não sirvam para especular sobre a opinião publica, mas são incontestavelmente os que ennobrecem a imprensa — e os que sem vergonha do paiz se podem discutir á frente da Europa.

A collecção de amostras, que possue M. Faure, só póde ser de vantagem para a nossa industria, como collecções-modelos — as poucos que convirá imitar — e para o estado tambem será de vantagem, porque se houver encommendas lá está a pauta para lhes receber o lucro dos direitos.

Lisongeamo-nos de que no que escrevemos expressamos a opinião sensata e desapaixonada dos que prestam á industria o sacrificio do seu capital — do seu trabalho e da sua intelligencia, e ao lado dos quaes estaremos sempre para defender os verdadeiros e honrosos interesses industriaes, sobre que deve assentar o pensamento governativo do paiz.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO II.

Perigo de andar de noite pelas ruas de Lisboa.

88 Quando Francisco de Albuquerque e o seu companheiro saíram do beco do Seguro já era noite cerrada.

O céu estava estrelado, mas as ruas desilluminadas e estreitas causavam pavôr até ás almas de melhor tempera.

No seculo dezesete, Lisboa era uma cidade, onde de noite se passavam terriveis mysterios. Andar depois do sol posto pelas ruas podia considerar-se um rasgo de heroicidade. O socegado *tendeiro* mal se atrevia a atravessar a rua para ír a caza de um vizinho fallar do seu commercio, ou dos acontecimentos da guerra com Hispanha; e se o fazia era sempre acompanhado de um ou mais creados com lanternas, e armados como se foram para a guerra.

Algumas rondas de paisanos, é verdade, corriam as ruas de Lisboa em nome do socego publico, mas essas rondas eram ordinariamente as primeiras victimas das proezas nocturnas da corte.

Não era coisa, que admirasse a ninguem, o ouvir de noite na rua gritos, tenir de espadas, ou gemidos de agonia; ninguem se sobresaltava ao encontrar pela manhã ao pé da porta um homem moribundo, ou morto. O proprio rei Affonso VI ficou uma vez gravemente ferido n'uma lucta nocturna. O cazo — val a pena contar-se aqui, para melhor se fazer idéa do estado da capital, — passou-se do seguinte modo.

El-Rei foi uma tarde vêr uns cavallos seus, que estavam em Palha-Vã, e só quasi ao anoitecer voltou pelo caminho de Campolide: quando chegou á caza do Noviciado dos Jesuitas, já era noite escura. Lembrou-se de que na quinta pertencente aos padres, que ficava mesmo defronte do Noviciado, havia uns cavallos que para lá tinham ído ao verde, quiz vêl-os: mandou-se buscar uma luz, mas como esta se demorasse, El-Rei teve dezejos de vêr uns cães muito ferozes que havia na cêrca. Bateu-se á porta *do carro*, e como tardassem em responder de dentro, El-Rei ordenou que a arrombassem; mas foi inutil a ordem porque os padres a mandaram abrir logo.

Durante este tempo, porém, El-Rei separou-se dos que o acompanhavam, e quando estava a alguma distancia passaram por elle tres homens. Travou-se uma briga entre esses tres homens e Affonso VI, e este, embaraçado pelas esporas, caíu de costas logo aos primeiros golpes, e foi ferido gravemente. Trouxeram-no em braços para o paço, onde esteve bastantes dias enfermo.

O que nesta noite, de que fallamos aqui aconteceu ao rei, succedia quasi todas as noites a alguem que, pouco acompanhado ou pouco habituado a servir-se das armas, se atrevia a andar pelas ruas da cidade. Os homens, sobre tudo os militares e os fidalgos da corte, julgavam quasi um dever de honra fraternizar quando se encontravam de noite nas ruas, dando-se mutuamente algumas cutiladas; do mesmo modo que os navios em tempo de guerra quando passam uns pelos outros no Oceano, se saudam com alguns tiros de artilheria, que nem sempre são innocentes.

Lisboa, como se vê, era cidade pouco commoda para os que gostavam de gozar o fresco da noite no verão: os balcões e os eirados das cazas eram o unico passeio seguro, principalmente para as mulheres. Não é pois de admirar que os nossos dois provincianos se preparassem, como para uma batalha, antes de se aventurarem pelas ruas escuras, que do largo da Sé condusiam ao *Corte-Real*, proximo do Corpo-Santo. O Capitão embraçou a sua rodela, e experimentou se a espada e a adaga saíam facilmente da bainha. Diogo Cutilada assoprou o morrão, e observou se o mosquete estava em estado de poder servir n'um momento de perigo.

— Vamos aqui direitos ao Arco dos Pregos — disse o soldado ao Capitão. — O caminho pela rua Nova é mais seguro, e mais aceiado...

— Vae adiante para me ensinares o caminho, Diogo — interrompeu Francisco de Albuquerque. — A noite está tão negra, e as ruas por tal modo cheias de buracos, que tenho receio de caír.

Diogo deu o braço ao seu official, e encaminhou-se para a rua Nova, que era a mais larga e bella rua da velha cidade. A intensidade das trevas não permitia com tudo, que Francisco de Albuquerque satisfizesse o grande dezejo que trouxera de Elvas, sua patria, de admirar a maravilha da Lisboa daquelles tempos.

Para compensar porém a falta que os olhos sentiam, os ouvidos do moço alemtejano foram mimosiados com uma descripção minuciosa e sórna de todas as tendas, de todas as cazas notaveis, não só da rua Nova, mas até das ruas que vinham desembocar a esta *Via Appia*, a esta *Regina Viarum* da antiga *Ullyssipo*.

Caminhando e fallando sempre, chegaram os dois militares á praça onde então trabalhavam os tanoeiros, que ficava ao pé da calçada de S. Francisco, sem lhe succeder coisa digna de contar-se.

A praça era pequena, e nella desembocavam bastantes ruas. Um arco grande, mas de simples architectura, dava para o palacio real.

Foi deste lado que elles sentiram, apenas tinham entrado na praça, um grande tropel de cavallos. Logo depois sahiram do arco dois mulatos a cavallo com archotes na mão, seguidos por oito ou dez homens tambem a cavallo, que rindo e fallando faziam grande bulha.

Quando um dos cavalleiros, que parecia o cabeça daquelle bando, viu os vultos dos dois militares, deu ordem aos seus que parassem, e chamando um dos mulatos mandou-lhe que fosse reconhecer quem elles eram, e os obrigasse a virem receber as suas ordens.

Francisco d'Albuquerque apenas viu o perigo que o ameaçava, desembainhou a espada e poz-se na posição de combater. Diogo Cutilada imitou a prudente acção de seu amo, assentando o mosquete sobre a forquilha, e preparando o murrão.

O mulato correu para elles, e aproximando o archote de Francisco d'Albuquerque — Não ouviste as ordens que te deram? — bradou — diz o teu nome...

— Não vês quem sou, villão? — respondeu o Capitão, mostrando com um gesto as insignias.

— Traz-mo aqui, e já — disse o cavalleiro que tinha dado a primeira ordem.

— Não ouves? Anda. — E o mulato fazendo aproximar o cavallo rapidamente do Capitão, estendeu a mão para o agarrar.

Mas ainda elle não tinha acabado este gesto insolente, já uma furiosa cutilada o estendia por terra.

Um grito de furor saiu do grupo dos cavalleiros; e, mettendo esporas ao cavallo, o chefe do bando correu com a espada na mão para Francisco d'Albuquerque.

Diogo apontou o mosquete, e com um tiro ía pôr termo á colera do inimigo de seu amo, quando uma palavra lhe fez caír a arma das mãos.

— Sr. Infante, senhor Infante... — bradaram com angustia todos os cavalleiros.

O homem que ameaçava a vida de Francisco d'Albuquerque era um mancebo ainda sem barba, de grande estatura, trigueiro, e com uns olhos

que brilhavam como dois carbunculos á luz dos archotes. Trazia sobraçada uma capa negra; e no chapéo de abas largas, sem plumas, um fumo que lhe caía até á anca do cavallo.

As vózes dos cavalleiros, a figura e habitos de luto de seu adversario, deram a conhecer a Francisco d'Albuquerque que o homem contra quem elle ía brandir a sua espada, era o Infante D. Pedro, irmão de Affonso VI.

Largou a arma, e caíu de joelhos em terra.

O Infante, que já levantava a espada sobre elle, suspendeu o golpe ao vêl-o de joelhos, dizendo-lhe — Levanta-te, que te não quero matar. Merecial-o, mas não quero. Levanta-te.

— Não conheci a V. A., por isso não obedeci como devia ás suas ordens; — replicou Francisco d'Albuquerque pondo-se de pé. — Perdôe-me, Senhor.

— Apanha a espada, que te caíu. És valente. Agora, dize-me como te chamas, e porque deixaste o exercito. Vejo que és militar.

— Saiba V. A. que sou o Capitão Francisco d'Albuquerque.

— Aquelle que o conde da Torre esperava?

— Esse mesmo, Senhor.

— Conde — disse em alta voz o Infante, voltando-se para um dos cavalleiros — aqui está o Capitão de que me falaste; e que vem para entrar ao meu serviço. Chegou a tempo — continuou elle — porque meu irmão continíua a recusar-me os Gentis-homens, que primeiro lhe pedi; e agora tambem parece pouco disposto a conceder-me que tu Conde, e o Conde de S. João entrem na minha caza. — Amanhã chega a Rainha e os estrangeiros, e eu estarei sem creados.

— São intrigas do Castello-Melhor — murmurou o Conde da Torre.

— Não importa; tudo se ha de alcançar. Não é assim, D. Rodrigo? — perguntou o Infante voltando-se para D. Rodrigo de Menezes seu Mordomo-mór, e conselheiro particular.

— Sua Magestade não póde recusar por mais tempo a V. A. os Gentis-homens que lhe pediu — respondeu D. Rodrigo com uma voz meliflua.

— Fizeste bem em chegar hoje, Francisco d'Albuquerque — proseguiu o Infante, voltando-se para o Capitão. — Já ámanhã farás parte da comitiva que me ha de acompanhar no cortejo da Rainha. Tenho a minha caza tão reduzida, que preciso levar comigo todos os que me servem. — Monta nesse cavallo, que deixaste sem cavalleiro, e segue-nos.

Francisco d'Albuquerque montou no cavallo que era do mulato, que elle tinha deixado quasi sem vida com um só bote da sua espada; e o Infante, acompanhado dos seus, partiu para o palacio de Côrte-Real, deixando a victima daquelle combate nocturno entregue aos cuidados de Diogo Cutilada.

— Vens do exercito do Alemtejo — disse o Infante, logo que se pozeram a caminho para o Corpo Sancto — pódes dar-nos novas da guerra.

— Depois da nossa entrada na Andaluzia, de que V. A. já deve ter noticia, nada tem occorrido de novo; a não ser a grande perda que os hispanhoes tiveram nos ataques que emprehenderam contra Alter-do-Chão — respondeu Francisco d'Albuquerque.

— Foste na expedição de Andaluzia?

— Acompanhei o Sr. Conde de Schomberg a S. Lucar. Eramos tres mil homens de infanteria e dois mil e quinhentos de cavallaria. O governador da praça começou, como todos os hispanhoes, por uma fanfarrice; mandando dizer ao nosso general, que era uma fortuna, para elle, ter tal occasião de ganhar honra, defendendo a praça que lhe fôra confiada. Mas apenas o Sr. Conde de Schomberg lhe ordenou que se rendesse, se não queriam ser passados pelas armas elle e todos os que estavam dentro da praça, logo o pobre do governador mandou dizer, que estava prompto para se entregar.

— Que grande medo haviam de ter os hispanhoes! — exclamou o infante com alegria.

— O terror dos hispanhoes ainda se tornou maior, quando mil cavallos e um terço de infanteria, de que eu era alferes, commandados pelo tenente general D. Luiz da Costa, entraram pela Andaluzia dentro até Gibraleon, encontrando apenas uma pequena resistencia nas margens do Odieb.

— Ficámos dessa vez senhores de S. Lucar, e saqueámos muitas terras de Hispanha; foi uma boa expedição, e que faz honra ao Schomberg — interrompeu o Infante. — Agora conta-nos como foi esse ataque dos inimigos a Alter-do-Chão; é disso que ainda não temos noticia cá. Tu estavas em Alter-do-Chão?

— Não, senhor, eu agora estava em Portalegre, no corpo de tropas que commandava o Commissario Geral, Francisco Barreto. — O Marquez de Carracena, depois da nossa entrada,

na Andaluzia, resolveu desforrar-se da affronta que recebera, e para isso reuniu uma columna de quasi quatro mil homens, com que marchou sobre Cabeço-de-Vide, que se lhe rendeu, e depois contra Alter-de-Chão; mas ahi. . .

— Achou braço portuguez que lhe resistisse! — interrompeu o Infante.

— Dez horas a fio — proseguiu Francisco de Albuquerque — o Conde de Carracena empregou todos os possiveis esforços para se apoderar do castello, mas não o poude conseguir; porque, tendo noticia de que o governador da provincia estava em marcha para o ír atacar, abandonou a empreza e recolheu-se para Badajoz.

— Que disgosto para Dionizio de Mello, não alcançar uma victoria, na auzencia do Schomberg!

— Os hispanhoes tornaram de novo a atacar a provincia, por dois pontos; mas não lograram o seu intento. Quando eu deixei o exercito, para vir receber as ordens de V. A., já elles se tinham retirado.

Fallando assim das coisas da guerra, chegaram ao Corpo-Santo, onde era o palacio do Infante.

Corte-Real era uma grande caza, que havia edificado o Marquez de Castel-Rodrigo, no tempo dos Filippes. Depois da revolução de 1640, perdeu elle esta caza e todos os seus bens, por ter seguido, com muitos outros fidalgos, o partido de Hispanha. O palacio constava de um grande corpo quadrado, ornado nos angulos de quatro torresinhas: deste corpo principal se estendiam para o mar dois eirados, com parapeito de balaustres. A entrada era por um grande pateo, que occupava o centro do edificio.

Quando o Infante chegou ao seu palacio achou as portas abertas, e o pateo e escadas alumiadas. Simão de Souza de Vasconcellos, irmão do Conde de Castello-Melhor, e governador da caza de sua Alteza, descera com alguns criados, a esperal-o.

O Infante apeou-se pondo o pé no joelho de Simão de Sousa, que para esse fim se tinha aproximado do seu cavallo; e despedindo-se do Conde da Torre e de S. João, que ainda não faziam parte da sua casa, subiu as escadas, acompanhado de D. Rodrigo de Menezes, Simão de Souza, Francisco d'Albuquerque e alguns criados.

Chegando a uma sala forrada de pannos de raz, em que estavam tecidas as historias do Minotauro e do fio de Ariadne, o Infante deitou o chapeo e a capa sobre uma cadeira de espaldar e deixou-se cahir n'um sofa de velludo roxo, cuja fórma era a de uma immensa cadeira de braços.

— El-rei negou-me hoje outra vez os fidalgos que lhe pedi! — exclamou o Infante colerico. — São intrigas, meu Rodrigo, intrigas do vallido, daquelle maldicto Castello-Melhor.

Esta colera inesperada admirou muito a Francisco d'Albuquerque, que acabava de ouvir o Infante fallar socegadamente da guerra, com os fidalgos e com elle mesmo. Porém logo percebeu a causa de tão grande mudança, quando viu Simão de Souza aproximar-se do Infante.

— Senhor — disse este, curvando o joelho — perdoe-me: V. A. está mal informado. Meu irmão é incapaz de fazer uma intriga contra V. A.

— Calla-te! — bradou o Infante pondo-se de pé. — Teu irmão é a causa de todas as injurias que eu soffro. É elle quem domina a vontade de S. M., e são os seus conselhos que hão de deitar a perder este reino.

— V. A. não faz justiça nem a mim nem a meu irmão. Sua Magestade tem resistido ás supplicas de meu irmão. . .

— Mentes! Teu irmão é um traidor. . .

— Traidores tem V. A. ao pé de si! — Interrompeu Simão de Souza, com voz tremula de colera, olhando para D. Rodrigo de Menezes.

O Infante cego de raiva, deitou a mão a um bastão de general, que estava ao canto da sala e levantando-o para Simão de Souza, ordenou-lhe que saisse da sua presença.

Depois de Simão de Souza se retirar, o Infante ficou algum tempo callado, a andar rapidamente pela sala, em sentidos diversos.

Foi então que Francisco d'Albuquerque teve occasião de vêr bem Sua Alteza. D. Pedro contava apenas naquelle tempo desoito annos; mas parecia ter mais de vinte. Era de grande estatura e robustez: sem ser bello, o seu rosto tinha uma expressão de soberba e magestade, que o enobrecia: os olhos grandes e negros, e os cabellos da mesma côr que lhe cahiam avnelados sobre os hombros, assombrando-lhe as faces trigueiras, tornavam por instantes quazi feroz aquella phizionomia de mancebo. Era o typo portuguez, em toda a sua perfeição e grandesa.

A agitação do corpo acalmou a tempestade do espirito. O Infante parou em fim, e voltando-se para os qne em roda da sala esperavam as suas

ordens, mandou-lhes que se retirassem. Todos obedeceram logo, deixando-o só com D. Rodrigo de Menezes.

Os criados, quasi todos moços e cavalheiros, que assistiam ao Infante, apenas se viram dispensados do serviço por aquella noite e longe da vista do severo D. Rodrigo, cercaram o seu novo companheiro, offerecendo-lhe cada um delles o seu quarto, e convidando-o para ir vêr os brilhantes e luzidos vestidos que tinham mandado fazer, para no dia seguinte assistirem ao desembarque da rainha.

Francisco d'Albuquerque agradecendo a todos, acceitou o offerecimento de um cavalheiro moço, chamado Luiz de Mendonça, que elle já conhecia pelo ter encontrado no exercito.

Uma hora depois de estarem juntos, os dois mancebos haviam travado estreita amizade, e tinham promettido contar um ao outro os segredos da sua vida na corte.

Francisco d'Albuquerque cumpriu immediatatamente a promessa que acabava de fazer, declarando ao seu novo amigo a magoa que lhe causava o não ter vestidos elegantes, dignos de apparecerem entre as galas dos outros criados de Sua Alteza. E esta franqueza teve os mais felizes resultados, porque Luiz de Mendonça prometteu arranjar-lhe de um algibebe seu conhecido um fato, que lá tinha mandado fazer um morgado do Minho, para a festa do casamento de El-rei.

Com o espirito tranquilisado pela certeza de ter no dia seguinte vestidos dignos de realçar os dotes naturaes, que elle estava profundamente convencido que o ornavam, o moço capitão deitou-se n'uma cama, que lhe tinham preparado no proprio quarto do seu novo amigo, e adormeceu; depois de ter feito poucas e ligeiras reflexões sobre os acontecimentos daquella noite aventurosâ.

(Continuar-se-ha.)

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

ZILLA.

Romance.

(Continuado de pag. 56.)

XVIII

89 Como o botão que rebenta
Ao primeiro alvor d'aurora,
Que recende aroma, e cora,
Quando o vivo sol o aquenta;
E á tarde o céu se escurece,
E ruge irada a tormenta,
Que o desbota e impallidece,
Mas lhe não dispersa as folhas:
Inda não é menos bello
No outro dia ao sol nado,
Pelas lagrimas rociado,
Entre o seu calix singello,
Sobre a hastesinha vergado;
Inda tem mais formosura
No fraco aroma que exhala,
Na pallidez, na tristura,
Que na côr viva, e na gala.

Assim a infeliz donzella,
Como o botão açoitado
Pelo vento da procella,
Tinha o rosto desbotado;
Dos labios a côr perdida;
Mas não era menos bella
Pela dôr esmorecida.

Desde aquell'hora aziaga
Em que nos braços tomada
Por ignoto cavalleiro,
E por monte, val, e oiteiro
Sem parar fôra levada,

Caíra em longo desmaio,
De que somente accordou
Quando extranha voz sentiu
Que de manso lhe fallou
E entre sedas, e perfumes
Em rica sala se achou.

XIX

Era findo quasi o dia.
Tibia luz pelas cortinas
Penetrava vacillante,
E nas jarras cristallinas
Reflectia-se cambiante:
Purpureas flores do Oriente
Nos torneados bufetes
Suave aroma exhalavam,
Sobre macios tapetes

Caçoulas de rica prata
Brandos perfumes queimavam.

———

N'um mol sofá reclinada,
Nesse abandono encantado
Que Deus põe na formosura,
Quando dôr inesperada
Lhe desfallece os sentidos;
E só fica a naturesa
Em seu singello esplendor,
Em sua ingenua bellesa;
Estava Zilla: o fulgor,
Dos olhos amortecido;
No seio que arfava oppresso;
Em desalinho esparzido
O cabello negro, e espesso.

———

Como estatua de alabastro,
No pedestal allumiada,
Á noite do meigo astro;
E á qual artista inspirado,
Divino o que imprimiu,
De amargura no semblante;
Assim era bella então:
Docemente esclarecida
Pelo fulgor vacillante,
Do frouxo e tenue clarão,
Que na sala penetrava:
Ao lado della curvado
Um cavalleiro a mirava
Com olhar apaixonado;
Do rosto o nobre perfil,
Mostrava que descendia
Do mais puro sangue moiro;
No cinto bordado d'oiro
Lhe prendia a curva espada,
Onde em posição gentil,
A robusta mão firmava.
Os rasgados olhos negros,
Que ora morbidos olhavam,
Quando n'alma concentravam,
Os sentimentos travados;
Que ora brilhavam ardentes,
Do coração revelando,
Os affectos agitados,
Como ondas do mar frementes;
Sobre ella os tinha fitados:
Ai! com que doce expressão,
Com que ancia tão sentida,
Naquelle olhar de paixão,
Se lhe resumia a vida.

———

Chegou-se mais perto della;
De um leve tremor cortada
Desprendeu a voz sonora;
Ao ouvil-a estremeceu
Todo o corpo da donzella,
Como se subito fôra,
Por algum poder occulto
Interiormente tocada.
Vira o gesto de terror
Que nas faces s'imprimira
Da innocente, o cavalleiro
E com vehemente ardor
Estas falas lhe dizia:
— «Que estrella má me luzia,
Nessa hora em que te vi!
Oh! que máu anjo espandia,
A aza negra sobre mi!
— Diz-me, donzella, a gloria
Por meu braço conquistada,
Humilde a teus pés prostrada,
A um só teu olhar sujeita,
Não te basta? — Ai não!
Que mais val a alma — dei-ta,
E ficou-te o coração,
Preso ainda a outro amor!»
— E o peito se lhe anciava,
E o rosto se lhe acendia,
E dos olhos o fulgor,
Quanto n'alma se passava,
Faiscando reflectia.

R. A. DE BULHÃO PATO.

(Continúa.)

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO III.

O amor n'uma agua-furtada.

(Continuado de pag. 58.)

90 — Porque andas tu tão triste, porque te esqueces de mim nessas longas distracções, que me enchem de ciume, porque não é de mim que pensas — não é! Eu estava sempre aqui, ao pé de ti! —

Mauricio olhou-a com um olhar melancolico,

e compassivo. Uma mulher que soubesse alguma coisa dos mysterios intimos do amor, leria naquelle olhar um adeus — uma saudade ao passado — mas nem um dezejo, nem uma aspiração para o futuro!

— És bella assim! parece-me que te vejo como nos primeiros dias do nosso amor como eu te amava nesse tempo! — disse elle, deixando escapar nesta exclamação inconsiderada, o segredo do seu coração.

— E já me não amas, já me não queres como dantes! — Acudiu Paulina com desespero. — O que te fiz eu então?.... Oh! dize, dize, que eu não posso, que eu não quero perder o teu amor!

O poeta differe do homem de acção, em entregar-se com franquesa, em abandonar-se sem exame aos primeiros impetos da paixão. Mauricio, allucinado pelas impressões tremendas daquelle dia — collocado face a face como a miseria, que é a degeneração do bello, — o mais horrivel supplicio para as imaginações exaltadas — não teve a reflexão necessaria, para conter os seus pensamentos, para manter na incerteza aquella mulher, que se entregára a elle, com todo o fervor do affecto virginal e puro da mocidade.

— Queres saber porque te não amo?.... Porque me peza esta existencia obscura em que luta a minha alma!.... Porque tu sabes amar, mas não sabes comprehender nestas noites veladas no estudo, nem os pensamentos que me desviam, nem o futuro a que aspiro!.... Mulher — disse Mauricio como interrogando uma fada sobrenatural, — porque te não fez Deus grande pela intelligencia, como te fez sublime pelo coração!

Paulina caíu aos pés de Mauricio, fulminada pela crueldade daquella revelação: involvendo o rosto nos seus bellos cabellos negros, dir-se-hia a Santa Genoveva da lenda popular, errante e solitaria nos bosques frondosos e selvagens do Brabante.

Depois, a dôr que lhe abrasava a alma, prorompeu em amargo pranto: ella chorou, como devem chorar os eternamente condemnados, lembrando-se dos dias felizes que passaram cá na terra.

Foi então que Mauricio teve consciencia do mal que tinha feito. O coração comprimiu-selhe de dôr; teve piedade daquella angustia, que em vez de recriminações severas, de loucas ameaças, apenas tinha lagrimas silenciosas.

E todavia havia naquella mutua situação, a logica fatal e implacavel das más allianças moraes. As organisações poeticas tem alguma coisa de feminino no dezejo invencivel de emoções variadas, e de gozos devoradores de imaginação.

Qual é o amor de artista, que resistisse á indifferença de uma alma pelo bello? Paulina não se apaixonava pela poesia, não sabia crer e pensar dentro da esphera encantada dos dezejos soberanos, não simpathisava com os improvisos phreneticos, os caprichos desenfreados, os accessos loucos, e as decepções amargas daquella alma, que gemia dentro do finito do mundo real, e aspirava ardentemente ás regiões sublimes do mundo poetico.

É que era terrivel e suprema esta continua agonia. Não poder vencer n'outra alma as expansões delirantes de uma intelligencia superior! Estar unido áquella mulher pelo mais intimo, pelo mais elevado de todos os sentimentos, e ter de calar as effusões energicas da sua imaginação, os ambiciosos impulsos da sua esperança!

Mauricio teve a idéa de quebrar a pesada cadêa que o ligava áquella existencia. O que sentia naquelle momento era apenas uma homenagem de reconhecimento ao passado. Elle bem sabia que nesta arena, aonde luctam as pretenções exaltadas de tantas vocações avidas, o ambicioso tem de se condemnar á isolação monastica. A mulher é um obstaculo e não um auxilio. A energia moral despedaça-se nas comoções do sentimento, como nas crises violentas das catastrophes sociaes. O poeta póde calcular, no silencio da sua alma, mas, se os seus planos tem a madureza da meditação, estão tambem sujeitos ás rapidas variações que lhes imprime a mobilidade da sua organisação.

Paulina encontrou no seu amor desconhecido, na força moral que nasce sempre da convicção d'uma grave injustiça recebida, essa energia, que poucas vezes acompanha as mulheres de alma firme e resignada. As lagrimas seccaramse-lhe nos olhos por um violento esforço: ergueu a cabeça com orgulho, e affastando os cabellos que lhe caíam sobre o rosto, olhou fitamente Mauricio, com um olhar de exprobração severa.

Um artista mal podia sentir aquella subita transformação. Aquella mulher, que soubera domar as emoções da dôr que a esmagava, era bella na pallidez e na melancholia do seu amor despresado.

O dia começava a despontar naquelle momento. Aos baços clarões da luz, que embranquecia com uma refracção duvidosa o quarto, aonde se passava esta scena, as duas phisionomias assumiram essa idealidade, que raras vezes a pintura realiza nas suas invenções.

Paulina, com as faces crestadas pelas lagrimas, com as tranças cahidas, com os olhos negros encendidos pela paixão, com os dentes cerrados por uma crispação nervosa, era a imagem dessa cholera augusta, que impera pelo gesto, que reina pela soberania moral, que desafia o genio da palavra, na muda eloquencia da expressão.

Mauricio, de braços crusados, com um surriso amargo nos labios, olhava-a com um olhar tranquillo e quasi adormecido. A vida moral para se lhe conhecer, era necessario ser estudada naquella ruga meditativa, que lhe passava pela testa, naquellas largas fontes, aonde o pensamento já havia deixado traços indeleveis, no esboço irregular mas significativo da sua cabeça, naquelle não sei que, que denuncia o talento e fundamenta a superioridade intellectual.

Um raio de sol, nascente, veio-lhe morrer no semblante, e então é que a sua individualidade peninsular podia ser evidentemente avaliada.

O seu busto pallido, sobresahia no meio dos bastos cabellos negros, que lhe enquadravam o rosto: os seus olhos pretos e rasgados destacavam nas feições descoradas, e já cavadas pelo vicio, e pelo abuso excessivo das faculdades do pensamento. O seu aspecto dava um poema, para os que comprehendem a influencia inevitavel que exerce o espirito sobre as modificações da materia.

— Que queres — disse Mauricio depois de um prolongado silencio — sei que deves odiar-me, que deves chorar com lagrimas ardentes o dia fatal em que te approximaste de mim... Este coração não era feito para te comprehender! Em vez de abençoar a felicidade que o céu me destinava, consumi a minha alma na esperança indefinida de ambições gigantes! — Odeia-me, mas não me accuses!

— Eu odiar-te a ti! — respondeu Paulina vencida por aquelle arrependimento, que a enternecia sem querer — eu bem sei que tens rasão! — que eu, pobre mulher, nascida na miseria e no abandono, não era feita para ser amada por ti, que és um homem altivo e grande pelo talento!... Mas não te merecia tão cedo esse desengano, não merecia!

E lançou-se-lhe outra vez nos braços, com o peito suffocado de lagrimas.

Mauricio beijou-a tristemente na testa, e depois allucinado por uma vaga esperança, quiz vêr se podia engrandecer a sua intelligencia, pela narração calorosa de tudo o que lhe exaltava o espirito. É um defeito commum aos homens superiores, o julgar que o talento existe adormecido em certas cabeças: que á voz poderosa da sua inspiração, elle se levanta, como o Lasaro, do tumulo, para maravilhar o proprio poder, que o ressuscitou do nada.

— Ouve-me, Paulina! — disse elle, — e vê se eu sou digno do teu perdão — se a minha vida não está sujeita a uma lei fatal, contra a qual todas as minhas tentativas são inuteis! Sou ambicioso, e a ambição é uma destas amantes terriveis, que como a Messalina da historia, pódem cançar-se mas nunca saciar os desejos!

— E queres que eu tente arrancar-lhe o sceptro? — perguntou Paulina abaixando os olhos, e com melancholia indivisivel.

— Quem sabe? — respondeu Mauricio com tristeza — quem sabe se eu, envelhecido por estas crises violentas, não olharia com mais prazer o oasis aonde o viajante repousa da perigrinação do deserto, do que a terra de promissão, continuamente escondida nas linhas eternas do horisonte! Caminhar, caminhar, e nunca avistar o limite d'um desejo!... E aqui sei que ha um coração que me ama pobre e desconhecido, que soffre comigo, que respeita a minha dôr, sem a comprehender talvez!

— E se é assim, para que te entregas a esse fogo, que te devora; para que não repousas dessa longa viagem que eu não sei, que eu não quero saber! — bradou Paulina com angustia.

— Pede então aos rios que parem na sua corrente impetuosa, ao oceano que aquiete as suas ondas embravecidas, ás nuvens que adormeçam immoveis no espaço! Se Deus me creou assim!... Agora, ouve-me, e verás que a vontade que concederam ao meu genio, foi feita para obedecer aos segredos da minha organisação, e não para os anniquilar, para os dissolver pela sua força mysteriosa!

E Mauricio correu a mão pela testa, como para ressuscitar as lembranças, que lhe dormiam esquecidas na memoria.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

4 de Novembro.

DIARIO N.° 261.

91 Auto de amortisação de notas do Banco de Lisboa feito pela Junta do Credito Publico.

Importa esta amortisação em . . . 70:000$800 rs.
Notas amortisadas até ao dia 3 de Outubro. . . . . 1.787:518$800 »
Ditas amortisadas no dia 3 de Novembro. . . . . 70:000$800 »
Em circulação . . . . 3.142:480$400 »

Das notas em circulação 40:295$000 não tem o sello da Junta do Credito Publico.

FALLECIMENTOS.

92 No dia 5 morreu no Porto o Sr. D. José Ramon Peres de Castro, ecclesiastico hispanhol. O illustre Bispo da Diocese e o Cabido concorreram com louvavel zelo para o enterro.

Falleceu o Sr. Capitão Antonio Cardoso dos Santos — foi sepultado na egreja de Lordello do Oiro.

A SR.ª LANDA.

93 A empreza do theatro de S. Carlos, querendo fazer valer uma condição exotica do seu contracto, levou o nome da Sr.ª Landa, para a arena da discussão da imprensa periodica.

Não prestamos consideração ao que a empreza decreta nos seus annuncios: em quanto ás discussões dos jornaes — achâmos até mui inconveniente que ella por tal modo entre na imprensa.

Tambem não somos parciaes pela Direcção do theatro de D. Maria II, pois que assentamos que este theatro é, perante o paiz, o culpado de se haverem desorganisado os actores, e da decadencia da arte dramatica: — assentâmos mesmo que nem merece, como dotação, a caza em que está, quanto mais o subsidio, que extravia em applicações para que não foi nem podia ser destinado.

Diremos por tanto, bem imparcialmente, o que pensamos. Fomos o primeiro jornal que fallámos da Sr. Landa, não abandonaremos hoje a sua cauza.

Se a cantora não convinha ao theatro, houve mui pouca generosidade em a privar de cantar em outra parte, quando tal prohibição só podia recahir sobre certas musicas — o que ainda acanha mais o pensamento de tal reclamação. Se a cantora convinha ao theatro tudo está explicado, e a opinião publica julgará o facto como intender. Folgamos em que a Sr.ª Landa provará brevemente que tem por si a justiça do talento.

ULTIMO CONCERTO DO SR. KONTSKI.

94 Segunda feira, 19, haverá no theatro de S. Carlos, o ultimo concerto do insigne pianista o Sr Kontski. É de esperar que sejam muitas as pessoas, que aproveitem esta ultima occasião para ouvirem o distincto artista. Consta-nos com prazer que além de duas phantasias executadas pelo Sr. Kontski, ouviremos um dueto a dois pianos, no qual o já mui acreditado professor, o Sr. Daddi, tomará parte.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 14 de Novembro.

94 Fundos publicos de 5 por cento 54½ a 55. — Acções do Banco de Portugal, 448$000 a 450$000 réis. — Desconto de notas do Banco de Lisboa, 930 a 950 réis por moeda.

Estado do mercado, em 14 de Novembro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito do Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Assucar de Pernambuco B. 1.ª e 2.ª sorte 1$400 a 1$500 rs., 3.ª e 4.ª dita 1$300 a 1$350 rs., 5.ª e 6.ª dita 1$200 a 1$250 rs. — Do Rio dito 1$200 a 1$350 rs. — Da Bahia dito 1$200 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$200 a 1$250 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$000 rs. — Mascavado novo 1$050 a 1$100 rs., dicto velho 850 a 1$000 rs. — Limitam-se as vendas somente ao consumo.
Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Preços nominaes.
Caffé, 1.ª sorte 2$000 a 2$100 rs. — 2.ª dita 1$850 a 1$900 rs. — 3.ª dita 1$700 a 1$750 rs. — Dito Escolha 1$050 a 1$100 rs. — Realizaram-se pequenas vendas para reexportar. O deposito é diminuto, e faltam as boas qualidades.

Cera de Angola B. 230 a 235 rs. — Dita A. 223 a 225 rs. — Houve algumas vendas para reexportar.
Marfim de lei 950 a 1$000 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 600 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Urzella 5$800 a 6$000 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

EXPEDIENTE.

11 Recebemos e serão publicados os seguintes artigos:

— Instrucção Publica — Faculdade de Sciencias Economicas e Administrativas, — pelo Sr. Roque Fernandes Thomaz.

Discurso recitado na abertura da aula de Filosofia Racional e Moral do Lyceu de Lisboa (secção occidental) pelo oppositor da Faculdade de Filosofia, Manuel dos Santos Pereira Jardim.

Por falta absoluta de espaço não começamos já hoje a publicação das interessantes Observações meteorologicas do Sr. Franzini, o que faremos no numero seguinte.